Os desafios da previdência complementar e as perspectivas para a economia e o mercado financeiro em 2027 marcaram a abertura do 33º Seminário de Investimentos e Benefícios da Capef, nesta quinta-feira (5/11), em Fortaleza. Realizado em formato híbrido, no Centro Administrativo do Banco do Nordeste, o encontro reuniu especialistas, dirigentes e participantes para discutir questões que influenciam a gestão dos planos e o planejamento da aposentadoria.

Na abertura, o Diretor Presidente da Capef, Ocione Mendonça, destacou a relação entre os debates do Seminário e as decisões que envolvem o futuro dos Participantes e de suas famílias. “Este Seminário é uma oportunidade de olhar para os desafios do presente e, principalmente, preparar as decisões que terão impacto no futuro. Afinal, falar de investimentos e benefícios é falar de algo muito maior do que indicadores financeiros: é falar de segurança e projetos de vida para os participantes e suas famílias”, afirmou.

Ocione também apresentou avanços dos três Planos administrados pela Capef, que reúnem quase 20 mil participantes e um patrimônio de R$ 8 bilhões. Entre os resultados, mencionou a expansão do Plano Família, a adesão de novos empregados do Banco do Nordeste ao Plano CV I e as medidas de fortalecimento patrimonial do Plano BD.

Com o tema “Previdência Longeva: Regulações para Evoluir”, o primeiro painel contou com a participação de Devanir Silva, Diretor-Presidente da Abrapp, Ricardo Pena, Diretor-Superintendente da Previc, e moderação de Jarbas de Biagi, Diretor-Presidente da UniAbrapp.

Devanir destacou que a previdência complementar permanece em construção. Ao dimensionar o alcance do setor, mencionou mais de 8 milhões de pessoas, entre participantes, aposentados, pensionistas e familiares, e o pagamento de cerca de R$ 10 bilhões em benefícios por mês. Para ele, esses números precisam ser compreendidos a partir da finalidade do sistema.

“Sempre digo que a previdência complementar está em construção. É um sistema que paga regularmente dez bilhões de reais todos os meses em benefícios. Mas, se os números impressionam, o que impressiona muito mais é a nossa essência, a nossa existência. As pessoas são, na verdade, o nosso grande foco é premissa fundamental”, afirmou.

Devanir disse que essa movimentação permanente é principalmente uma resposta a um ambiente marcado por fortes e rápidas transformações. Afinal, o aumento da expectativa de vida, as transformações nas relações de trabalho e a redução proporcional da população contribuinte exigem novas alternativas. O desafio é duplo: assegurar a sustentabilidade dos compromissos assumidos com os atuais participantes e ampliar o acesso à proteção previdenciária para milhões de brasileiros que permanecem à margem do sistema.

Nesse contexto, as EFPC desempenham papel estratégico. Sua natureza sem fins lucrativos, a governança com participação dos próprios beneficiários e a formação de poupança coletiva de longo prazo constituem diferenciais importantes para a construção de uma sociedade mais protegida.

“Não se trata de reduzir a regulação, mas de torná-la mais inteligente, proporcional, previsível e orientada a riscos, preservando a segurança dos participantes sem comprometer a capacidade de evolução do sistema”, destacou Devanir.

Explicou que o futuro da previdência complementar depende da capacidade de conciliar solidez institucional, sustentabilidade financeira, modernização regulatória e inclusão social. E encerrou afirmando que “mais do que financiar uma aposentadoria cada vez mais longa, precisamos assegurar que um número crescente de brasileiros tenha condições de viver essa etapa da vida com autonomia, segurança e dignidade” .

Ricardo Pena relacionou os desafios dos investimentos às transformações demográficas e do mercado de trabalho. Em sua avaliação, o cenário exige atenção tanto à diversificação das carteiras quanto à preparação dos produtos previdenciários para uma população mais longeva e com diferentes formas de vínculo profissional.

“Temos muita coisa para discutir na parte dos investimentos. Os fundos estão muito concentrados em títulos públicos pela conjuntura econômica, mas há grandes desafios. A gente vive de diversificação, portfólio, resultado. E também, na parte de benefícios, discutir os desafios da longevidade. O Brasil passa por uma mudança demográfica importante”, destacou.

Pena também abordou o caráter preventivo e protetivo da atuação da Previc, com supervisão baseada em riscos, e mencionou as discussões sobre micro pensões como um caminho para ampliar a proteção previdenciária diante das novas relações de trabalho.

Na moderação, Jarbas de Biagi ressaltou que a regulação deve proteger os participantes, com atenção aos efeitos que o excesso de exigências pode provocar sobre o funcionamento e o desenvolvimento do setor.

O dirigente também reconheceu a contribuição da atual gestão da Previc à evolução do sistema e destacou a importância do envolvimento dos profissionais com a previdência complementar.

“Nosso segmento é um segmento que tem que ser regulado para proteger os participantes”, afirmou. Ao se dirigir a Pena, acrescentou: “Além de conhecer profundamente o segmento, você também é uma pessoa que gosta. Isso vale para todos nós: é a paixão com que nós trabalhamos. Nós somos profissionais desse segmento, mas, na realidade, é a paixão”.

Conexão entre previdência e investimentos – A programação do seminário também contempla a análise do cenário econômico após as eleições, com Caio Megale, economista-chefe da XP, e uma discussão sobre os impactos da longevidade no planejamento financeiro e previdenciário, com participação de Capef e Previ.

À tarde, os debates se voltam às perspectivas para renda fixa, fundos imobiliários e renda variável. A agenda inclui ainda a palestra magna “Finanças com Propósito: Planejar para Viver Melhor”, com Thiago Salomão, fundador do Market Makers.

(Colaborou Jorge Wahl)

Fonte: Abrapp em Foco, em 05.11.2026.